



O comboio em Couto de Cambeses, antigo ramal de Braga

## *Entro no comboio*

E procuro caras conhecidas. À falta destas, procuro decotes desconhecidos. Sento-me perto. Apalpo o casaco e confirmo que não me esqueci da carteira com o passe. Não preciso voltar a sentir a adrenalina juvenil de ter de fingir o revisor. A paisagem que passa na janela é a mesma de ontem, e será a mesma de amanhã. Tento descobrir o que mudou na paisagem desde ontem, mas perco sempre este jogo. Até os animais, tão móveis, me parecem os mesmos, no mesmo sítio dos dias anteriores. As vacas, os cães, os pássaros, todos estão congelados no cenário. O comboio passa por eles mas não a vida. A paisagem é bela mas sempre igual. Procuro beleza noutros locais. Tiro um livro da pasta. Viajo para Moçambique com Mia Couto. As praias do Índico encham o comboio e cada som de travessa calcada pelas rodas do comboio é uma onda quebrada nas areias aquecidas pelo sol austral. Reclino-me no banco do comboio e tento mergulhar os pés no mar quente. Levanto os olhos do livro e atiro o olhar para longe como que pescador atirando redes sobre peixes. Não pesco nada... de vela ao vento, largo-me à deriva no meu barco sobre carris. Levanto os olhos de novo para ver o revisor que se aproxima. Mas mais depressa se aproxima o destino e já todos se levantam.

Eu gosto de comboios, especialmente com livros. Gosto de comboios porque me deslocam o corpo. Gosto de livros porque me descolam o espírito. E gosto de comboios porque a linha férrea era quase o jardim de minha casa, e à volta da linha férrea passei a minha infância. O filme da minha vida mete comboios... muitos comboios. Os acontecimentos mais importantes da minha vida incluem, quase todos, um comboio para ir e outro para vir. Um comboio que leva esperanças e desejos e outro que trás alegrias ou desilusões.

A coluna que suporta o que sou, podia bem ser feita de carris. Porque o que sou, sou porque há comboios.

Miguel Carvalho, 2009.